

## Medea, cordões vermelhos, aia de capuz

**Maiara Gouveia**

“Oh, faz-me uma máscara e um muro que me escondam de teus espões/  
Dos agudos olhos esmaltados e das garras que denunciam/O estupro e a  
rebeldia nos viveiros de meu rosto,/Uma mordança de árvores mudas que me  
guarde da nudez dos inimigos/Uma língua de baioneta nesse indefeso  
fragmento de oração/ Torna loquaz a minha boca, e que ela seja uma  
trombeta de mentiras soprada com doçura, (...)/ Para escudar o cérebro  
brilhante e confundir os inquisidores” Dylan Thomas

Nunca mais o lobo saltou com capuz alvíssimo e a Lua à mostra na boca arfante. Nem pingou fitas rubras dos furos na mandíbula, enlaçando as paredes da casa. Olhos amarelos e pisca. Quase espuma de sede, e se enfia atrás de uns retratos. Gláucia arranca do céu as três Marias, finca no ar elementais do fogo. Os seios magoados pelo peplo são fontes vivas de veneno, onde bebo dia e noite e tenho cólicas memoráveis. Aia, meu sangue não tinge a cidade, e puseram moluscos e caramujo entre pedras verdes. Sei, Aia, você não entende. Aia, você quer entender, entender, e por isso se perde, com esses panos amarrados na cabeça, o tecido caindo nos olhos. Quase cega, e muda até que eu dê passagem à tua voz. E quase surda, com o rosto embaçado e roupas de filme. Querem ouvir comentários sobre amor e mágoa. Ouço agulhas coloridas em cócegas no meu umbigo – incômodo pontudo, gume de duas facas. Riscam uma cruz de estrelas mutiladas, e descem até o sexo, linhas brancas nos pequenos lábios. Não tenho meios de falar ali, nas coxas, e o furinho menor tapado, de salamandras líquidas pra dentro, e o clitóris inchado de medo – se é assim, me desamarro em dor e êxtase, ou o contrário? Sei, Aia, te boto confusa e desmaia no meu alvoroço e te enrolo nessas mantas pra que não veja a estátua de sal. Teus ouvidos, roxos à espera, e tuas mãos miúdas sacudindo as folhas de papel embebidas no orvalho. Ponha a mão aqui, no meu colo. Sente? É a história a se formar por essas vozes duvidosas. Tramam. Sem exceção, deviam desconfiar de quem afirma qualquer coisa. Na minha vida, só suspense e mais perguntas. Se não é o espaço onde danço, se não é música ou escuro, é dúvida e mais dúvida. Sairia dali, Aia, sem nenhum pretexto, se não me fosse confiada a sina, atributo maior do meu caráter. Sairia sem jura nenhuma, e poria minha língua na costura alheia, reinventado modos, sem mártires. Mas já nasci no engano, socada em aguaceiro de plástico, mareada pelas galerias do sono. Mistura de vontade e medo, avanço. Talvez

fosse livre longe de lá. O início e o fim são tiranos, te inscrevem numa fábula, silhueta recortada e colada ad infinitum sem jamais formar inteiro. Talvez no meio do caminho surgisse um mestre pra mostrar a trilha do inferno ao paraíso, quem sabe uns mistérios a mais, o que ninguém diz contra as horas, só na suspensão do fôlego. E nesse talvez nunca dito, nesse talvez, fiz de um homem e uma palavra meu caminho e o que sobrasse. Dentro da jura, busquei a mulher-alvo: quem eu fosse, entre o mesmo e o avesso. E aquela sombra, aquela sombra, aquela sombra não era amor, era um cantil de água. Se ele não me traísse, quem eu seria? Se ali, Aia, os corpos vivos de todo anúncio se convertiam em figuras pálidas comidas pelos corvos, mostrando pedaços de osso contra a pele machucada? A esponja embebida na morte ressecou e se fez pedra. Não tinha como limpar do espírito aquele futuro bicéfalo, órfão de pai e mãe. A prole da mentira me fez nula. E a ninfa, filha de um pai vivo e coroado, foi por vê-la dentro do rio – a candura abatida pelo cardume de prata – e porque ali, num eclipse, éramos duas afogadas, que a quis descolada de si, tomada pela aderência do peplo à pele, até descarnar. E a cortaria em nacos, não fosse e o veneno, e a morderia desde os flancos, ensopada na quentura das lágrimas, desfeita em nuvens na saliva ácida, só pra temperar a vingança com a inocência maldita das melissas. A maldita inocência. Maldita.

Nunca mais retornou aquele oco, ladrão, o crânio aberto pelos sapos. Tentáculos perturbando o intestino, e ele fisgou um pássaro na penumbra, enquanto ardia. Dúbias maneiras de reconstruir cidades. Palitos de dente. Bacia de traumas. Retalhos de cadáver no concreto. Salões emulando templos, com deuses degolados e anzóis recurvos. Moluscos, caramujos, pedras verdes. Cabeças para o leste. A lança dos santos tilintando etc. Aia, você quer entender. Quem pode contar as estrelas em terra de cego? Não te basta ter meus dedos na goela? Não te basta minha língua na tua? Não te basta? Ponha o estômago esfaimado, revirado, junto ao rei verde, se esfarelado ao redor das moscas. Junto aos cães e o exército de cera. O cantil de água, sombra frouxa e suspensa no teto, se põe balançando à direita da lua sintética fluorescente. Meus filhos dormem, pinturas de Paula: tripas enroladas ao pé da mesa, minha expressão de ódio e pés enormes e descalços; outra mulher, saindo de uma bota, se masturba encostada num homem de algodão. Há dessas lembranças, Aia, e Gláucia me visita sem raiva, e conta que não fui a única a matá-la. Fazem o sacrifício há séculos, e as crianças riem e coçam o nariz. Não é demais? Sei que te canso se não soco os meninos no triturador de carne. Se não te conto quantas vezes fui estuprada pelo diabo. Mas deixei um saquinho de moedas na mesa da sala. Só não coloque nos olhos. Te espero pro jantar.

---

**Maiara Gouveia** (Brasil, São Paulo: 1983). Escritora, publicou artigos, ensaios e poemas em alguns países da América Latina e também em Portugal e nos Estados Unidos. Participou de inúmeros eventos literários, oficinas, e integrou a organização da FLAP – Festival Literário Internacional. Em 2006, foi finalista do Prêmio Nascente com o livro de poemas O Silêncio Encantado. A obra inaugural sofreu alterações e hoje se chama Pleno Deserto (Nephelibata: 2009). Dos livros à espera de publicação, menciona Antes que se rompa o fio de prata, disponível para download. twitter: @maiaragouveia